
“E O LEVARAM PARA JERUSALÉM E O MATARAM LÁ”
– JUÍZES 1,4b-7 COMO DOCUMENTO JEBUSEU DOS ARQUIVOS DE
JERUSALÉM

“And they took him to Jerusalem and killed him there”
– Judges 1:4 -7 as a Jebusite document from the Jerusalem archives

*Judges 1 contains ancient material that may well
go back to premonarch times¹.*

*Oswaldo Luiz Ribeiro**

RESUMO: Propor Jz 1,4b-7 como documento jebuseu preservado nos arquivos da Jerusalém israelita e, oportunamente, incluído na história da conquista de Judá, em Juízes 1. Segundo a história lavrada no documento jebuseu, Adoni Bezeq, “senhor de Bezeq” é um rei pré-israelita que tem mantido sob seu poder e opressão uma grande quantidade de cidades. Lideradas provavelmente por Jerusalém, uma coalisão ainda pré-israelita de cidades ataca Bezeq, capital do rei opressor. Adoni Bezeq foge, mas é capturado pela coalisão. Aplicam-lhe o mesmo castigo que ele aplicara aos reis subjugados e, então, levam-no, prisioneiro, para Jerusalém, onde é morto. Um documento narrando a proeza é redigido e conservado nos arquivos da cidade jebusita de Jerusalém. Quando, mais tarde, Jerusalém é capturada pelos israelitas, o documento é encontrado e preservado. Mais tarde, ainda, um redator usa o documento jebuseu para descrever parte da conquista de Judá, assumindo, redacionalmente, que o sujeito “eles” do documento, originariamente aplicado à coalisão, passe a referir-se a “Judá”, que assume, então, ter sido a responsável pela proeza narrada no documento.

PALAVRAS-CHAVE: Bezeq, Adoni Bezeq, Juízes 1,4-7, Juízes 1, Jerusalém.

ABSTRACT: Propose Jz 1, 4b-7 as a jebusite document preserved in the archives of Israeli Jerusalem and eventually included in the history of the conquest of Judah,

* Departamento de Pós-Graduação Faculdade Unida de Vitória – ES. Artigo submetido a avaliação em 14.08.2012 e a aprovado para publicação em 24.09.2012.

¹ Cf. NIDITCH, Susan. *Judges: a commentary*, p. 37.

in Judges 1. Exegetical essay. According to the history recorded in the jebusite document, Adoni Bezeq, “Lord of Bezeq” is a pre-Israelite king that has kept under his power and oppression a large number of cities. Probably led by Jerusalem, a coalition of still pre-Israelite cities attacks Bezeq, capital of the oppressive king. Adoni Bezeq flees, but is captured by the coalition. The captors apply the same punishment that he applied to the subjugated kings and then lead him as prisoner, to Jerusalem, where he is killed. A document chronicling the feat is drawn up and kept in the archives of the jebusite city of Jerusalem. Later, when Jerusalem is captured by the Israelis, the document is found and preserved. Still much later, an editor uses the jebusite document to describe part of the conquest of Judah, assuming, redactionally, that the subject “they” of the document, originally applied to the coalition, should refer to “Judah”, which assumes, then, to have been responsible for the feat chronicled by the document.

Keywords: Bezeq, Adoni Bezeq, Judges 1.4-7, Judges 1, Jerusalem.

Introdução

Objetivo deste artigo é propor a origem e a redação jebusita, logo, pré-israelita, de Jz 1,4b-7 que, em seu estado narrativo atual, constituiria resultado da inserção do documento jebusita, agora sob a propriedade dos governantes judaítas de Jerusalém, na redação de Jz 1,1-21.

Originalmente, tratar-se-ia da narrativa jebusita de celebração da vitória da coligação cananea contra o “senhor” de Bezeq, que mantinha em seu poder e controle um conjunto de cidades da antiga região palestina, entre elas, Jerusalém, que, todavia, assume a liderança da vitoriosa coligação contra a cidade e o “senhor” de Bezeq. Sempre por hipótese, após a vitória, a façanha é registrada por escrito e guardada nos arquivos da cidade. Mais tarde, quando Jerusalém é tomada pelos judaítas, o documento acaba incorporado na redação programática da conquista de Judá “da Montanha, do Negueb e da Planície”, função política de Jz 1,1-18.

Há fatos narrativos em Jz 1,1-18 que podem servir de “evidência” para a construção de argumentos retóricos – isto é, de “prova” – na defesa da hipótese. Após uma introdução, enumeram-se os “vestígios” de colagem de Jz 1,4b-7, seguindo-se um levantamento, na pesquisa, das tentativas de contornar esses notórios indícios de colagem, resultando no trato sistematicamente sincrônico que a passagem, na prática, tem recebido nos comentários. Cuidando de demonstrar, todavia, a improcedência do contorno das evidências, postula-se, ao fim, a leitura de Jz 1,4b-7 como documento jebuseu, que narra uma história relacionada à Jerusalém jebusita que, a meu ver, resolve (todas?) as questões relacionadas tanto às evidências de colagem quanto aos problemas de conteúdo de Jz 1,1-21 que relacionam Judá a Jerusalém.

A redação atual de Juízes 1,1-21 conta uma história atribuída a Judá e Simeão. As tribos de Israel consultam a Yahweh para decidir quem começará a guerra de conquista contra “o cananeu” (הַכְּנַעֲנִי – v. 1). A resposta de Yahweh é que Judá deve iniciar a campanha (v. 2). Judá, então, solicita a Simeão cooperação para a conquista do território que lhe caiu por sorte (v. 3a), em troca do que, depois, Judá ajudaria a Simeão em sua própria campanha (v. 3b). Judá “sobe” contra “o cananeu” e Yahweh lhe entrega em “suas” [“deles”] mãos (v. 4b). Nesse ponto, inicia-se a seção tratada pela literatura como “incidente de Bezeq”: Jz 1,4b-7².

E os feriram em Bezeq, dez mil homens. E encontraram Adoni Bezeq em Bezeq. E batalharam contra ele. E feriram o cananeu e o perezeu. E fugiu Adoni Bezeq. E [o] perseguiram, (indo) atrás dele. E o prenderam. E cortaram os polegares das mãos dele e dos pés dele. E disse Adoni Bezeq: “Setenta reis, os polegares das mãos deles e dos pés deles cortados, tornaram-se recolhedores debaixo da minha mesa. Assim como eu fiz, assim retribuiu-me Deus”. E o levaram para Jerusalém e o mataram lá.

O estado redacional da narrativa pressupõe que “Judá” (v. 4a) seja o agente israelita por trás da campanha contra Bezeq³ e seu “senhor”⁴ (v. 4b-7). Que Judá tenha conseguido Adoni Bezeq⁵ para Jerusalém, a narrativa “explica” no v. 8: os “filhos de Judá” batalharam contra Jerusalém, tomaram a cidade, passaram seus habitantes ao fio da espada e a incendiaram.

Sempre segundo o estado redacional da narrativa, depois do incidente de Bezeq e da “tomada” de Jerusalém, os “filhos de Judá” continuam sua campanha contra o cananeu que habitava a Montanha, o Negueb e a Planície (וְהַשְּׁפֵלָה וְהַנֶּגֶב וְהַר הָהָר יוֹשְׁבֵי בְּכַנְעַנִּי – v. 9).

² Na literatura, Jz 1,4-7 (cf. SCHNEIDER, Tammi. *Judges*, p. 5-7).

³ Para uma discussão a respeito da localização proposta para “Bezeq”, cf. ZERTAL, Adam. *The Manasseh Hill Country Survey*, p. 104. Cf., ainda, MOORE, George Foot. *Judges*, p. 13-14.

⁴ Soggin o trata, mesmo, por “rei” (cf. SOGGIN, J. Albert. *Judges*, p. 21).

⁵ Para o significado da expressão hebraica qz<b,-ynIdoa] (Adoni Bezeq), cf. ZERTAL, Adam. *The Manasseh Hill Country Survey*, p. 104. Cf. ainda, SCHNEIDER, Tammi. *Judges*, p. 6, nota 13, e PROCKSCH, *Nordhebräische Sagenbuch*, p. 143. Para uma tentativa de assimilar Adoni Bezeq, de Jz 1,4-7, com Adonizedeq, de Js 10 e, assim, tentar uma “solução” para a complicada peça narrativa de Jz 1,4-7, cf. AULD, A. Graeme. *Joshua, Judges, and Ruth*, p. 135 (mais cauteloso, todavia, em AULD, *Joshua Retold*, p. 100), e AMIT, Yaiah. *The Book of Judges*, p. 145, nota 31. Para uma declaração categórica da identidade entre os dois personagens, cf. WEINFELD, Moshe. “The conquest under the leadership of House of Judah”, p. 390-391. Quanto à relação entre Adoni Bezeq, Adonizedeq e Melquizedeq, Guillaume mantém-se cauteloso, sugerindo apenas que “um governante mítico de Jerusalém está referido a” (GUILLAUME, Philippe. *Waiting for Josiah*, p. 91). Com base na *Vulgata* e no *Targum*, Soggin recusa a “correção” de Adoni Bezeq para Adonizedeq (cf. SOGGIN, J. Alberto. *Judges*, p. 21). Martin considera “altamente improvável” a relação de identidade (MARTIN, James. *The Book of Judges*, p. 21).

Passa-se, então, a tratar de “casos” especiais: (Hebrom – v. 10 e 20), Debir (v. 11-15), a “Cidade das Palmeiras” (v. 16), Horma (v. 17), Gaza, Asquelom e Echrom (v. 18), a justificativa para a impossibilidade de conquista do vale, “porque carro de ferro eles tinham” (v. 19), e de novo, Jerusalém (v. 21).

Em linhas gerais – sincrônicas, gostar-se-ia de dizer –, essa é a história. Ela, todavia, me parece totalmente artificial. A meu ver, trata-se de uma colagem de “tradições” – todavia, tão “descuidadamente” levada a termo que pode ser desmontada sem muito esforço, até para quem recorra apenas às traduções vernaculares, se elas guardam um mínimo de literalidade.

Não se trata, aqui, de discutir a referida montagem geral de Jz 1,1-21. Trata-se, apenas, de analisar o “incidente de Bezeq” e de apresentar a hipótese de Jz 1,4b-7 tratar-se de um texto não israelita, preservado, eu diria, nos arquivos da Jerusalém somente mais tarde conquistada aos jebuseus.

Os indícios de colagem em Jz 1,4b-7 e em seu contexto imediato

וַיִּכּוּם בְּבֹקֶעַ עֶשְׂרֵת אֲלָפִים אִישׁ: וַיִּלְחַמוּ בּוֹ	^{4b} (...) E os feriram em Bezeq, dez mil homens.
וַיִּכּוּ אֶת־הַכְּנַעֲנִי וְאֶת־הַפְּרִזִּי: וַיָּנֶס אֲדוֹנֵי בֶזֶק	⁵ E batalharam contra ele. E feriram o cananeu e o perezeu.
וַיִּדְרְפוּ אַחֲרָיו וַיֹּאחֲזוּ אֹתוֹ	⁶ E fugiu Adoni Bezeq. E [o] perseguiram, (indo) atrás dele. E o prenderam.
וַיִּקְצְצוּ אֶת־בְּהֵמוֹת יָדָיו וְרַגְלָיו: וַיֹּאמֶר אֲדוֹנֵי־בֶזֶק	E cortaram os polegares das mãos dele e dos pés dele.
שִׁבְעִים מְלָכִים	⁷ E disse Adoni Bezeq: “Setenta reis,
בְּהֵמוֹת יָדֵיהֶם וְרַגְלֵיהֶם מִקְצָצִים הָיוּ מְלַקְטִים תַּחַת שֻׁלְחָנִי	os polegares das mãos deles e dos pés deles cortados, tornaram-se recolhedores debaixo da minha mesa.
כַּאֲשֶׁר עָשִׂיתִי בֶן שָׁלֹם לִי אֱלֹהִים וַיִּבְיָאוּהוּ יְרוּשָׁלַם וַיִּמָּת שָׁם. פ	Assim como eu fiz, assim retribuiu-me Deus”. E o levaram para Jerusalém e o mataram lá.

Não são poucos os indícios de montagem em Jz 1,4b-7 e em todo o seu “entorno” narrativo.

Primeiro indício: em Jz 1,4, começa-se falando de “Judá”: “e Judá subiu” – note-se o singular⁶. Não se fala de Simeão, que, no v. 3, se reunira a Judá em sua campanha de conquista de seu território. Simeão voltará a ser mencionado, ao lado de Judá, apenas no v. 17. É verdade que, no v. 4,

⁶ Sozinho, o singular não teria força para sustentar a proposta de algum tipo de quebra na narrativa (cf. SOGGIN, J. Alberto. *Judges*, p. 21). No entanto, o singular é apenas um dos indícios de que o v. 4 contém muito provavelmente evidência de operação redacional.

flagra-se um plural: “e Yahweh entregou o cananeu e o perezueu nas mãos deles”. O efeito narrativo é: “e Judá subiu e Yahweh entregou o cananeu e os perezueu nas mãos deles” (v. 4). “Deles” – quem? Os componentes do “exército” de Judá? O conjunto dos combates de Judá e Simeão⁷? Os “filhos de Judá”, do v. 8?⁸ Parece haver um “incidente” no v. 4, evidenciado por meio das três partes que não se encaixam adequadamente: 1) “e Judá subiu”, 2) “e entregou Yahweh o cananeu e o perezueu nas mãos deles” e 3) “e os feriram em Bezeq, dez mil homens”. O que esse “incidente” – esse indício – significa?

Segundo indício: quando, no v. 3, Judá convida Simeão para a batalha conjunta de conquista, a narrativa faz referência ao “cananeu”. Como se comporta, na narrativa, a referência aos inimigos a serem derrotados? Por um lado, o termo “cananeu” de fato aparece sozinho em Jz 1,1.3.9.10.17. Os v. 3 e 17 correspondem aos dois únicos momentos em que Judá e Simeão são postos em batalha conjunta – e aí os inimigos declarados são apenas os cananeus. Todavia, por outro lado, em “apenas” dois versos, v. 4 e 5, os inimigos são declarados, conjuntamente, “o cananeu e o perezueu”. Esse “indício” se revela justamente e somente na passagem do “incidente de Bezeq”. Esse duplo contingente de inimigos – o cananeu e o perezueu – quebra a narrativa (v. 1-3) no v. 4 (v. 4-7), narrativa esta que volta à sua “normalidade” a partir do v. 9, onde voltam a aparecer “o(s) cananeu(s)” sozinho(s).

Ora, o v. 5 é indiscutivelmente parte integrante do “incidente de Bezeq” (v. 5-7): evidencia-se uma interrupção dos v. 1-3. No v. 4, a presença do “(cananeu e) perezueu” é problemática, porque, de um lado, a referência ao duplo inimigo não pertence à tradição dos v. 3 e 17, pertencendo, antes, à tradição do “incidente de Bezeq”. Além disso, há, aí, já se viu, a ocorrência daquela mudança de número – “e Judá *subiu*” *versus* “e Yahweh entregou ‘o cananeu e o perezueu’ nas mãos *deles*”. Seria possível considerar que esse trecho se constituiria de conteúdo original, pertencente à história dos v. 4b-7, aí redacionalmente trabalhado para fazer com que a história, agora, no corpo da redação, se referisse a Judá?

Terceiro indício: a expressão “filhos de Judá” é empregada apenas nos v. 8, 9 e 16. Nas demais passagens, trata-se de outro termo: “Judá”. (v. 2, 3, 4a, 10, 17, 18 e 19). Deve-se trabalhar com a hipótese de que ao termo “Judá” corresponda uma “fonte” ou “camada redacional”, enquanto à

⁷ É a opinião de MOORE, George Foot. *Judges*, p. 14.

⁸ Guillaume propõe que “Judá” e “os filhos de Judá” sejam grupos distintos, mas, ainda assim, não chega a explicar a origem de Jz 1,4b-7. Cuidadoso, deixa explícito que é “Jz 1” quem faz de Judá o conquistador de Bezeq (cf. GUILLAUME, Philippe. *Waiting for Josiah*, p. 91-92), no que, me parece, está certo.

expressão “filhos de Judá” corresponda outra “fonte” ou “camada redacional”. Quem “emenda” o documento jebuseu (v. 4b-7) às conquistas de “Judá” emprega esse termo – “Judá”. Outro redator será o responsável pela “explicação” de como “Judá” pode ter levado Adoni Bezeq para Jerusalém, sem que Jerusalém tivesse sido, ainda, conquistada – e é esse redator quem afirma que “os filhos de Judá” conquistaram a Montanha, o Negueb e a Planície – ou seja, “os filhos de Judá”, aí, já correspondem à Judá “monárquica” – estamos, aí, nos v. 8-9, séculos depois da “conquista de Canaã” e ainda mais longe do “incidente de Bezeq”.

Quarto indício: a referência a Jerusalém no v. 7 é de todo despropositada. O(s) compositor(es)/redator(es) de Jz 1,1-21* sabe(m) disso. Pode-se chegar a tal conclusão pelo teor do v. 8 (וַיִּלָּחֲמוּ בְנֵי־יְהוּדָה בִּירוּשָׁלַם (וַיִּלָּחֲמוּ בְנֵי־יְהוּדָה בִּירוּשָׁלַם): “e batalharam os filhos de Judá contra Jerusalém, e a conquistaram, e feriram-na ao fio da espada e à cidade atearam fogo”. Essa “glosa”⁹ técnica tem a função de “tentar” (porque não consegue, evidentemente) explicar como que Judá (agora, todavia, já “os filhos de Judá”) pode ter levado Adoni Bezeq para Jerusalém se Jerusalém não havia sido, ainda, conquistada. Mas a emenda sairá pior do que o soneto.

Para dar sentido a Jz 1,4b-7, declara-se que os “filhos de Judá” teriam, então, conquistado Jerusalém. Todavia, no v. 21, é-se informado de que “o jebuseu habita Jerusalém – não (a) possuíram os filhos de Benjamin, e habita o jebuseu com os filhos de Benjamin em Jerusalém até este dia” (וַיִּתְּבוּ בְנֵי־יְהוּדָה בִּירוּשָׁלַם עַד הַיּוֹם (וַיִּתְּבוּ בְנֵי־יְהוּדָה בִּירוּשָׁלַם עַד הַיּוֹם). Ora, se “os filhos de Judá” batalharam contra Jerusalém, conquistaram-na, passaram-na ao fio da espada e a incendiaram – como entender que “o jebuseu” ainda habite Jerusalém – junto com os filhos de Benjamin – até hoje?¹⁰ Brettler, por exemplo, apercebe-se do fato: mas o interpreta apenas na direção de uma redação que pretenda sobrepor Judá a Benjamin. Com

⁹ Para Jz 1,8 como “glosa”, cf. DE VAUX, Roland. *The Early History of Israel*, p. 541 (“para explicar a estranha história narrada nos versos precedentes”). Da mesma forma, cf. MARTIN, James. *The Book of Judges*, p. 21.

¹⁰ Não se vá, como, todavia, fizeram Clémence e Glaire, inferir que, por conta dessa “nota”, a redação de “Juizes” deva ser colocada, então, pelo menos nesse limite – Samuel teria sido seu autor, por exemplo. A “nota” de Jz 1,21 vale, apenas, para esse “documento”, não necessariamente para o conjunto do livro (cf. CLÉMENCE, Joseph-Guillaume. *L'Authenticité des Livres tant du Nouveau que de l'Ancien Testament*, p. 255-257, e GLAIRE, Jean-Baptiste. *Introduction Historique et Critique aux Livres de l'Ancien et du Nouveau Testament*, p. 112. Que a redação final de Juizes serve-se “de escribas e de arquivos” é coisa que se propõe pelo menos desde Richard Simon (cf. SIMON, Richard. *De l'Inspiration des Livres Sacrés*, p. 27-28 e 38). Para a recente pesquisa sobre a formação de Juizes, cf. LANOIR, Corinne. “Juges”, p. 345-357 e RÔMER, L'Histoire Deutéronomiste (Deutéronome-2 Rois), p. 315-331. Para a história da pesquisa de Jz 1 especificamente, cf. GUILLAUME, Philoppe. *Waiting for Josiah*, p. 82-87.

isso, todavia, não se entra no território mesmo de Jz 1,4b-7¹¹. Para todos os efeitos, “o v. 8 (...) não está de acordo com o v. 21”¹².

Para “salvar” sincronicamente a narrativa, deve-se imaginar que, a despeito de, no v. 3, Judá e Simeão tenham combinado cooperação conjunta para a conquista dos respectivos territórios, entretantes, todavia, Judá tenha conquistado a grande cidade jebusita, Jerusalém – “para Benjamin”, isso porque Jerusalém não pertence ao território de Judá, mas ao de Benjamin. Assim, depois de supostamente ter tomado Jerusalém, Judá a entrega aos benjaminitas. Eles, todavia, não conseguem sustentar sua posição por muito tempo, de modo que os jebuseus a retomam e nela residem “até o dia de hoje”. Todavia, essa operação de salvamento sincrônico¹³ tem contra si a tradição de que Davi teria sido o primeiro israelita a tomar a cidade¹⁴ – não tendo sido registrado na tradição nem que Judá nem que Benjamin tenham sido os responsáveis pelo feito extraordinário¹⁵.

Não fecha a conta.

A tentativa de fazer a conta ser fechada na pesquisa

A despeito dos indícios acima apresentados, a quase totalidade dos comentários (consultados) de *Juízes* forçam o fechamento da conta sincrônica, atribuindo ao agente “militar” – (implícito) “(eles)” – de Jz 1,4b-7 uma identidade israelita. Boling¹⁶, por exemplo, e Hamlin¹⁷, que, respectivamente, tentam explicar a extirpação (ritual) dos polegares de Adoni Bezeq

¹¹ Cf. BRETTTLER, Marc Zvi. *The Book of Judges*, p. 101. Nesse sentido, cf. DIETRICH, Walter. “Histoire et Loi”, p. 297ss, e, particularmente, MARCO, Natalio Fernádes. “L’Histoire Textuelle. Les livres historiques (Juges)”, p. 163-169.

¹² Cf. a série de questões que sobre isso levanta GOTTWALD, Norman Karol. *The Tribes of Yahweh*, p. 167 (cf. p. 568 – onde, no entanto, ele mesmo considera ter sido “Israel” o agente que captura e mata Adoni Bezeq). Cf., ainda, GRINDEL. *Juízes*, p. 234-235. Fohrer considera que o v. 8 é fruto de uma compreensão errada (“misunderstanding”) do v. 7 por parte do redator (cf. FOHRER, George. “Zion-Jerusalem in the Old Testament”, p. 302-303).

¹³ Quase como que literalmente esboçado, cf. LEWIS, Arthur. H. *Jueces y Rut*, p. 22, e LOKEN, Israel P. *The Old Testament Historical Books*, p. 73. Para variações, mais ou menos próximas do sugerido, cf.: EDERSHEIM, Alfred. *Bible History*, p. 68; O’CONNELL, Robert H. *The Rhetoric of the Book of Judges*, p. 63-64; SCHNEIDER, Tammi. *Judges*, p. 7-8; WOERLEE, G. M. *The Unholy Legacy of Abraham*, p. 146; KAISER, Walter C. *History of Israel*, p. 177.

¹⁴ Cf. 2 Sm 5,6-10. Cf. AULD, A. Graeme. *Joshua, Judges, and Ruth*, p. 135.

¹⁵ Para uma “solução” em campo totalmente diferente (“justaposição de perspectivas”), cujo efeito, sem deixar de notar, em sentido “sincrônico”, as contradições entre os v. 4b-7, 8 e 21, é torná-las, na prática, “não-contradições”, cf. MARAIS, Jacobus. *Representation in Old Testament Narrative Texts*, p. 77.

¹⁶ Cf. BOLING, Robert. G. *Judges*, p. 55.

¹⁷ Cf. HAMLIN, E. John. *At Risk in the Promised Land*, p. 27.

como a) rito de supressão da dinastia dos “reis sagrados” de Canaã e b) tentativa de impedir que tornasse a usar armas contra Israel¹⁸. Ou Mobley¹⁹, que enxerga na passagem uma anedota de caráter moral-teológico: o próprio Deus restaura a “harmonia” cósmica – ainda que através dos “guerreiros de Judá”. Ou Yinger²⁰, que está mais interessado no *modus operandi* da “punição”, mas afirma tratar-se de punição que Israel impetrou contra Adoni Bezeq. Ou tantos outros, como Amit²¹, Wiersbe²², Ninitch²³, Mather²⁴, Pressler²⁵, Wright²⁶, Keil e Delitzsch²⁷, Bush²⁸, Wiseman²⁹, Martin³⁰, Driver³¹, Lewis³², Pfeiffer³³, Walton, Matthews e Chavalas³⁴, Grindel³⁵, Page Jr.³⁶, Kaiser³⁷, Kalimi³⁸, Paton³⁹, Smith⁴⁰, Gottwald⁴¹, Josephus⁴², Horsley⁴³ e Brettler⁴⁴, que até se dá conta das contradições entre os v. 4-7 e 8, mas as interpreta como “duplicidade de tradições” que estão “mutuamente mais se reforçando do que se contradizendo”, unificadas por meio de acaba-

¹⁸ Olyan interpreta a mutilação como ato de humilhação e desumanização de inimigos derrotados (cf. OLYAN, Saul M. *Disability in the Hebrew Bible: interpreting mental and physical differences*, p. 147, nota 56). A meu ver, faz mais sentido.

¹⁹ Cf. MOBLEY, Gregory. *The Return of the Chaos Monsters*, p. 48.

²⁰ Cf. YINGER, Kent L. *Paul, Judaism, and Judgment according to Deeds*, p. 31-32.

²¹ Cf. AMIT, Yairah. *The Book of Judges*, p. 45.

²² Cf. WIERSBE, Warren W. *Be Available*, p. 12.

²³ Cf. NIDITCH, Susan. *Judges*, p. 38-40.

²⁴ Cf. MATHER, Tim. *Judges*, p. 12-13.

²⁵ Cf. PRESSLER, Carolyn. *Joshua, Judges, and Ruth*, p. 130.

²⁶ Cf. WRIGHT, Paul. *Joshua, Judges*, p. 62.

²⁷ Cf. KEIL, Carl Friedrich; DELITZSCH, Franz. *Joshua, Judges, Ruth*, p. 251-255.

²⁸ Cf. BUSH, George. *Notes, Critical and Practical, on the Book of Judges*, p. 12-15.

²⁹ Cf. WISEMAN, Luke Holt. *Men of Faith*, p. 12-13.

³⁰ Cf. (uma Tese de Doutorado em Teologia) MARTIN, Lee Roy. *The Unheard Voice of God – a Pentecostal hearing of the Book of Judges*, p. 111, e MARTIN, Lee Roy. “Power to Save!?: the role of the Spirit of the Lord in the Book of Judges”, p. 22.

³¹ Cf. DRIVER, Samuel Rolles. *The Origin and Structure of the Book of Judges*, p. 265.

³² Cf. LEWIS, Arthur H. *Jueces y Rut*, p. 22.

³³ Cf. PFEIFFER, Charles F. *El Comentario Biblico Moody*, p. 238.

³⁴ Cf. WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. *Comentario del Contexto Cultural de la Biblia*, p. 260.

³⁵ Cf. GRINDEL, John A. *Juizes*, p. 234-235.

³⁶ Cf. PAGE JR., Hugh R. *Boundaries – a case study using the biblical Book of Judges*, p. 45.

³⁷ Cf. KAISER, Walter C. *History of Israel*, p. 177.

³⁸ Cf. KALIMI, Isaac. “Targumic and Midrashic Exegesis in Contradiction to the *Peshat* of Biblical Text”, p. 19.

³⁹ Cf. PATON, LEWIS Bayles. *Jerusalem in Bible Times*, p. 67-68.

⁴⁰ Cf. SMITH, William. *The Old Testament History: from the creation to the return of the Jews from Captivity*, p. 319.

⁴¹ Cf. GOTTWALD, Norman Karol. *The Tribes of Yahweh*, p. 568 e GOTTWALD, *The Politics of Ancient Israel*, p. 43.

⁴² Cf. JOSEPHUS, Flavius. *The Antiquities of the Jews*, p. 143.

⁴³ Cf. HORSLEY, Richard A. *In the Shadow of empire*, p. 18, que vê no episódio a demonstração do caráter “anti-hierárquico (e assim anti-imperialista)” de Israel.

⁴⁴ Cf. BRETTLER, Marc Zvi. *The Book of Judges*, p. 100.

mento cronológico não-linear⁴⁵. Ou, ainda, O'Connell⁴⁶, que vê, nos versos de Jz 1,2-19 um quiasmo, em cujo centro se pode ler: "a campanha bem-sucedida de Judá", para cima, v. 4-8, e para baixo, v. 9-16. Ou, ainda mais, Schneider⁴⁷, que, a despeito de considerar problemática a referência a Jerusalém no v. 7, propõe que a declaração de Adoni Bezeq, no mesmo verso, deva ser interpretada como um "comentário profético", no sentido de se fazer saber que, mesmo aos olhos de um governador estrangeiro, "os israelitas já estão agindo como os cananeus". Quanto a Jerusalém, a situação é mais categoricamente decidida: "o que os judaítas fizeram à cidade está claro: eles a destruíram"⁴⁸. Por outro lado, a mesma Schneider considera que a presença de Jz 1,4-7 como primeira conquista de Israel tenha relações ideológicas com 1 Sm 11,7-11, onde se faz referência a Bezeq e onde se narra o desmembramento de um boi, motivos que teriam aproximado as duas narrativas, que, em todo caso, aproximam os binômios Benjamin/Saul e Judá/Davi⁴⁹. Além de todas essas operações de salvamento sincrônico, tentou-se, inclusive, ler a passagem como uma "perversão intencional" irônica da tradição de Adonizedeq⁵⁰. Em todos esses casos, aqueles indícios ou não são sequer apontados, ou são, mas sem consequências heurísticas.

Contra todos esses comentadores, entretanto, um, Soggin, considera que não se pode assumir – para além da vontade do redator – a identidade judaíta dos agentes operando na narrativa. Soggin, contudo, não avança na discussão de qual seria, então, sua identidade⁵¹. É, portanto, o que se pretende fazer.

Jz 1,4b-7 como "documento" jebuseu

Proponho uma solução (a meu ver) simples para o problema do "incidente de Bezeq". Está-se, aí, diante de um "documento"⁵² jebuseu, apreendido dos arquivos da cidade, quando de sua conquista e então conservado nos arquivos do agora governo israelita. Nesse sentido, avançaria um passo além daqueles que Soggin deu, quando, comentando o fato de que Adoni Bezeq é levado por "eles" para Jerusalém, para lá ser morto, considera que,

⁴⁵ Cf. BRETTLER, Marc Zvi. *The Book of Judges*, p. 100; cf., ainda, AULD, *Joshua, Judges, and Ruth*, p. 134.

⁴⁶ Cf. O'CONNELL, Robert H. *The Rhetoric of the Book of Judges*, p. 63.

⁴⁷ Cf. SCHNEIDER, Tammi. *Judges*, p. 7.

⁴⁸ Cf. SCHNEIDER, Tammi. *Judges*, p. 7.

⁴⁹ Cf. SCHNEIDER, Tammi. *Judges*, p. 6.

⁵⁰ Cf. KLEIN, Lillian. *The Triumph of Irony in the Book of Judges*, p. 25.

⁵¹ Cf. SOGGIN, *Judges*, p. 22.

⁵² Não chega a falar de origem não israelita para eles, mas Kuenen reconhece a composição de *Juizes* a partir de documentos escritos, o que, inclusive, seria a responsável por contradições entre diferentes seções da narrativa final (cf. KUENEN, Abraham. *Histoire Critique des Livres de l'Ancien Testament*, p. 350. "Só" estou propondo que, nesse caso, Jz 1,4b-7 seja não apenas um documento-fonte, mas seja, além disso, um documento-fonte escrito não israelita, isto é, jebuseu.

sim, o redator pode ter tomado esse “eles” pelos “homens de Judá”, mas que, a rigor, só se pode falar efetivamente de “os perseguidores do rei” (“king’s followers”)⁵³.

O documento, incompleto, mas perfeitamente compreensível conta(ria) a seguinte história. Bezeq constituía uma cidade poderosa, que mantinha sob seu controle político uma quantidade considerável de cidades de seu entorno. Essa interpretação pode ser analítico-discursivamente extraída do dito de Adoni Bezeq – “setenta reis (...) tornaram-se recolhedores debaixo da minha mesa”. Adoni Bezeq, portanto, governava “com mão de ferro” uma considerável extensão de cidades “cananeias”, impondo a seus reis tratamento humilhante. Numa certa ocasião, uma coalização de cidades, liderada por Jerusalém, subleva-se contra “o senhor de Bezeq”. Essa interpretação pode ser extraída também analítico-discursivamente a) do plural relacionado aos combatentes contra a cidade de Bezeq, b) da referência, de novo, aos “setenta reis” e, c) quanto à liderança de Jerusalém na coalização, do fato de o senhor capturado ter sido levado para essa cidade e ali morto. Por esse caminho de interpretação do documento, logo, da história, Adoni Bezeq não é rei de Jerusalém, mas, como seu próprio “título” ou “nome” sugere, é rei de Bezeq. Jerusalém acaba sendo a cidade para onde Adoni Bezeq é levado e onde é morto pelo fato, aqui hipotetizado, de ter sido essa a cidade que liderara a então vitoriosa coalização de libertação e vingança.

Essa interpretação do documento tornaria mais fácil compreender, de um lado, a declaração de Adoni Bezeq, de que reis, de dedos decepados, comiam sob a sua mesa, e, de outro, a mutilação que lhe é impingida pela coalisão – ora, se a coalisão faz-se constituir de homens das cidades subjugadas pelo “terror das montanhas”, trata-se da aplicação da “lei de talião”. Também é assim que o rei interpreta seu sofrimento, ainda que atribua a Deus a retribuição.

Tratar-se-ia, portanto, de um episódio antigo, pré-israelita, guardado de modo honroso nos arquivos daquela cidade que, liderando a coalização, libertou as montanhas do opressor de Bezeq – Jerusalém. O sujeito “eles”, que Soggin entende tratar-se apenas redacionalmente, mas não necessária e originalmente, dos “homens de Judá”, deve ser considerado, pois, como o conjunto dos reis pré-israelitas da coalisão em campanha de vingança contra o rei opressor de Bezeq – identidade automaticamente revelada se, de fato, se está diante de um documento jebuseu.

Eu não sei que implicações Davis tiraria de sua própria declaração – todavia, a mim me parece que considerar “Jz 1,6-7” como “eyewitness accounts” (“narrativa de testemunha ocular”)⁵⁴ tem, no presente contexto, implica-

⁵³ Cf. SOGGIN, J. Albert. *Judges*, p. 22.

⁵⁴ Cf. DAVIS, Craig. *Dating the Old Testament*, p. 187. As próprias implicações, se as teve, reservou-as para si.

ções relevantes – porque isso significaria que elementos da própria coalização pré-israelita teriam registrado, em texto, a épica façanha, documento que, entretanto, termina por ser guardada nos arquivos da Jerusalém jebusita. Décadas mais tarde, os israelitas conquistam Jerusalém. Essa história, eventualmente famosa, eventualmente apenas um registro documental, é incorporada às façanhas dos agora conquistadores – como o episódio das muralhas de Jericó, por exemplo. Quando, em algum momento, a “história da conquista” – de Jz 1 – começar a ser escrita, o redator serve-se desse antigo documento, costura-o de tal forma a torná-lo uma operação de guerra encabeçada por “Judá”, e a história e o documento jebuseus são, assim, tornados propriedade histórica e traditiva dos próprios israelitas.

Um caso de apropriação. Todavia, um documento antigo, com todas as características de autenticidade. Talvez o episódio nunca tenha ocorrido. Talvez tenha. Não faz diferença. Parece haver, entretanto, razões suficientes para supor que o documento esteve em poder dos conquistadores israelitas que, verdadeira ou não a história, consideraram-na digna de ser apropriada – Jerusalém, a cidade que libertou das garras do “senhor de Bezeq” toda a Montanha.

A absoluta independência de Jz 1,4b-7 poderia explicar a necessidade de conexão redacional com as outras seções da composição. Talvez se possa considerar que a presença de cananeus e perezus na segunda seção do v. 4 seja vestígio de trechos originais contidos no documento “colado”. Sem aventar a hipótese de ser não israelita, Moore, todavia, chega a dizer que o “editor” omitiu a parte inicial do “documento” que utilizava na composição de Jz 1,4b-7⁵⁵. Ou não: talvez seja apenas o produto redacional do redator/compositor para fazer com que o “eles” que rege a conquista de Bezeq e Jerusalém adapte-se a Judá, trazendo, então, para a conexão, de um lado, Judá (“Judá subiu”) e, de outro, os inimigos mencionados no documento (“o cananeu e o perezus”). Não é absolutamente certa a operação realizada. Mas não se depende desse elemento para se concluir, com segurança, que se trata, no caso, de Jz 1,4b-7, de uma colagem direta, à narrativa israelita/judaíta, de documento original e, nos termos de minha proposta, antigo, jebuseu.

O efeito pretendido pelo “redator” é, entre os v. 4-8, fazer constar a “subida” de Judá rumo à conquista da terra, e, nos v. 9-16, a descida de “(os filhos de) Judá” para a completa tomada do território – ideia que está plenamente descrita em Webb⁵⁶, que, todavia, não se dá conta da possibilidade de o núcleo do que ele chama de “campanha *up* de Judá” constituir-se de um documento jebuseu. Apropriando-se de Webb, O’Connell sugere que o v. 8, justamente a “conquista de Jerusalém” por “(os filhos de) Judá”, seja considerado o *axis* do quiasmo, que ele aplica, agora, a Jz 1,3-18. A ideia de O’Connell me parece um aperfeiçoamento da ideia de Webb – e,

⁵⁵ Cf. MOORE, George Foot. *Judges*, p. 14.

⁵⁶ Cf. WEBB, Barry G. *The Book of the Judges*, p. 90.

todavia, ela somente faz exacerbar a contradição já enorme entre Jz 1,4b-7, de um lado, o v. 8, de outro, e Jz 1,21, finalmente. Mesmo que se trate de prestigiar Judá em detrimento de Benjamin, não se chega a “explicar” satisfatoriamente como Judá pode ter levado Adoni Bezeq para Jerusalém, se não a tomou. O v. 8 somente reforça a necessidade de uma explicação – e ele mesmo pretende ser essa explicação, funcionando, todavia, como o topo – artificial – de uma montanha, em cujo cume “(os filhos de) Judá” governa(m), soberano(s), a própria Montanha, o Negueb e a Planície.

Se a hipótese for sustentável, estamos, então, diante de um dos mais antigos documentos da Bíblia Hebraica – ainda que, todavia, não exatamente um documento do “povo de Yahweh”. Em termos retóricos, todavia, uma vez que toda a terra de Israel é contada como tendo sido conquistada – cooptada, tomada – aos cananeus, ter sido essa pequena história igualmente tomada, dessa vez aos jebuseus – de quem, aliás, foi tomada a própria cidade – não nos deve causar estranhamento.

Todavia, quanto à cidade de Jerusalém, a despeito de ser, “hoje”, isto é, nos tempos veterotestamentários médio e tardio, de judaítas, a tradição registrou ter sido ela tomada aos antigos e poderosos moradores – os jebuseus. No caso de Jz 1,4b-7, todavia, conta-se, até hoje, a história, como uma proeza de Judá. E, todavia, parece que não – parece tratar-se de uma antiga e formidável proeza dos jebuseus. E não só a formidável proeza, mas igualmente a redação da proeza e o documento que a preserva até hoje.

Considerações Finais

Apresentada e defendida a hipótese, convém antecipar algumas questões que lhe são necessariamente decorrentes. Antes de tudo: como se dava o processo material de elaboração redacional desses textos? Propôs-se que Jz 1,4b-7 constitua documento jebuseu, preservado nos arquivos israelitas de Jerusalém. Pois bem, de que forma o documento era arquivado? De que forma pode ser empregado para a redação da perícopes? Devemos imaginar, literalmente, uma mesa de trabalho, o suporte material da escrita em posição, e os diversos documentos espalhados ao redor, de modo que o escriba vai tomando parte a parte cada documento e copiando-o no suporte material no qual se processa a redação? O escriba está com o próprio documento jebuseu? Ou trata-se de uma cópia, já ela preservada depois de irrecuperáveis ocasiões de transcrição? E mais: o redator sabe que se trata e um documento jebuseu? Ou ele já o interpreta, agora que o tem nas mãos, como deseja que nós o assumamos: momento inaugural da conquista de Judá? São questões que precisam ser respondidas, porque é na materialidade da vida que as rotinas hermenêuticas se sustentam.

Uma segunda questão deve ser enfrentada: se é verdade que se trata de uma coalização de reis pré-israelitas, enfrentando o exército do rei opressor de Bezeq, ele também pré-israelita, que significado tem o documento fazer referência a “o cananeu e o perezou”? Toda a hipótese desmonta-se diante desse “pormenor”? Ou devemos considerar que os termos “cananeu” e “perezou” eram também empregados pelas populações pré-israelitas? Por esse caminho, caso se considere as hipóteses defendidas por Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman⁵⁷, de um lado, e Mario Liverani⁵⁸, de outro, de que os israelitas são uma elaboração de identidade sociológica dentro da própria população “palestinense”, resulta necessário admitir que, se os “israelitas” empregam os termos, é porque eles eram empregados também pelas populações “locais”. É, pois, essa, uma questão a ser enfrentada.

Há, todavia, também, que angariar argumentos na defesa da hipótese – depois de se tê-la submetido a uma confrontação. Defendeu-se que o sujeito “eles” em Jz 1,4b-7 refere-se à coalização de cidades contra Bezeq – todas elas, nesse caso, pré-israelitas. Ora, a ideia de coalizão não é despropositada. Em Js 10, é-se informado de uma coalização de reis – de Jerusalém (ainda jebusita), de Hebrom, de Jarmut, de Laquis e de Eglom – contra Gabaon, por conta de sua aliança com Saul. Gabaon pedirá socorro a Saul, que enfrentará e vencerá a coalizão. Também já se havia sido informado de uma guerra de coalizações em Gn 14, ocasião em que Abraão se vê envolvido, em decorrência do rapto de Ló. Assim, a ideia de uma coalização de cidades pré-israelitas contra um rei pré-israelita não tem, em si, nada de inusitada.

Aliás, a referência à coalização de Jerusalém e dos reis amorreus contra Gabaon é oportunidade de recordar que Js 10 não esconde o fato de que se serve – como fonte – de um “livro de Iasar” (rv”Y”h; rp,se – “Livro do Justo”). Não se pode garantir tratar-se de um livro israelita – pode-se? Talvez, quem sabe?, seja um livro pré-israelita, talvez, também, quem sabe?, semelhantemente àquele velho documento jebuseu, pequeno demais para ser chamado de livro, mas grande demais para passar despercebido. Ao menos para mim – se não vi para além das evidências...

Referências bibliográficas

AMIT, Yairah. *The Book of Judges: the art of editing*. Leiden: Brill, 1999.

AULD, A. Graeme. *Joshua, Judges, and Ruth*. Edinburgh: The Saint Andrew Press, 1984.

AULD, A. Graeme. *Joshua Retold: Synoptic Perspectives*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1998.

⁵⁷ Cf. FINKELSTEIN, Israek; SILBERMAN, Neil Arsher. *A Bíblia não Tinha Razão*, p. 140-141.

⁵⁸ Cf. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia*, capítulos 2, 3 e 4, p. 59-140.

- BRETTLER, Marc Zvi. *The Book of Judges*. London: Routledge, 2002.
- BOLING, Robert G. *Judges*. New York: Doubleday, 1975.
- BUSH, George. *Notes, Critical and Practical, on the Book of Judges: designed as a general help to biblical reading and instruction*. New York: Saxton & Miles, 1844.
- CLÉMENCE, Joseph-Guillaume. *L'Authenticité des Livres tant du Nouveau que de l'Ancien Testament, démontrée, et leur véridicité défendue, ou réfutation de la Bible enfin expliquée*. Paris: Chez Moutard, 1782.
- DAVIS, Craig. *Dating the Old Testament*. New York: RJ Communications, 2007.
- DIETRICH, Walter. Histoire et Loi. Historiographie deutéronomiste et Loi deutéronomique à l'exemple du passage de l'époque des Juges à l'époque royale. In: DE PURY, Albert, RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel (Org). *Israël Construit son Histoire: l'historiographie deutéronomiste à la lumière des recherches recentes*. Genebra: Labor et Fides, 1996, p. 297-324.
- DE VAUX, Roland. *The Early History of Israel: to the period of the Judges (v. II)*. London: Darton, Longman and Todd, 1978.
- DRIVER, Samuel Rolles. The Origin and Structure of the Book of Judges, *The Jewish Quarterly Review*, v. 1, n. 3, 1889, p. 258-270.
- EDERSHEIM, Alfred. *Bible History. Old Testament – v. 3. Israel in Canaan under Joshua and the Judges*. London: Fleming H. Revell, 1877.
- FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Arsher. *A Bíblia não Tinha Razão*. São Paulo: Girafa, 2003.
- FOHRER, George. Zion-Jerusalem in the Old Testament. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament. Volume 7*. Stuttgart: W. Kohlhammer Verlag, 1995, p. 292-319.
- GLAIRE, Jean-Baptiste. *Introduction Historique et Critique aux Livres de l'Ancien et du Nouveau Testament*. 4 ed. Paris: A. Jouby et Rogers, 1869.
- GOTTWALD, Norman Karol. *The Politics of Ancient Israel*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.
- GOTTWALD, Norman Karol. *The Tribes of Yahweh: a sociology of the religion of liberated Israel, 1250-1050*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999.
- GRINDEL, John A. Juízes. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- GUILLAUME, Philoppe. *Waiting for Josiah: the Judges*. London: T. & T. Clark, 2006.
- HAMLIN, E. John. *At Risk in the Promised Land: A Commentary on the Book of Judges*. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.
- HORSLEY, Richard A. *In the Shadow of empire: reclaiming the Bible as a history of faithful resistance*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2008.
- JOSEPHUS, Flavius. *The Antiquities of the Jews*. Translated by William Whiston. Digireads.com Books, 2010.
- KAISER, Walter C. *History of Israel*. Nashville: Broadman & Holman, 1998.
- KALIMI, Isaac. Targumic and Midrashic Exegesis. In: Contradiction to the *Peshat* of Biblical Text, em KALIMI, Isaac; HAAS, Peter J. *Biblical Interpretation in Judaism and Christianity*. London: T. & T. Clark, 2006.

- KEIL, Carl Friedrich; DELITZSCH, Franz. *Joshua, Judges, Ruth*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1869.
- KLEIN, Lillian R. *The Triumph of Irony in the Book of Judges*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1989.
- KUENEN, Abraham. *Histoire Critique des Livres de l'Ancien Testament: les livres historiques*. Paris: Michel Lèvy Frères, 1866.
- LANOIR, CORINNE, Juges. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (Org.). *Introduction à l'Ancien Testament*. Genebra: Labor et Fides, 2009, p. 345-357.
- LEWIS, Arthur H. *Jueces y Rut*. Grand Rapids: Editorial Portavoz, 1982.
- LIVERANI, Mario. *Para Além da Bíblia – história antiga de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008.
- LOKEN, Israel P. *The Old Testament Historical Books: An Introduction*. s/l: Xulon Press, 1977.
- MARAIS, Jacobus. *Representation in Old Testament Narrative Texts*. Leiden: Brill, 1998.
- MARCO, Natalio Fernández. L'Histoire Textuelle. Les livres historiques (Juges). In: SCHENKER, Adria; HUGO, Philippe. *L'Enfance de la Bible Hébraïque: L'histoire du texte de l'Ancien Testament*. Genebra: Labor et Fides, 2005, p. 148-169.
- MARTIN, James D. *The Book of Judges*. London: Syndics of the Cambridge University Press, 1975.
- MARTIN, Lee Roy. Power to Save!?: the role of the Spirit of the Lord in the Book of Judges, *Journal of Pentecostal Theology*, n. 16, 2008, p. 21-50.
- MARTIN, Lee Roy. *The Unheard Voice of God – a Pentecostal hearing of the Book of Judges*. University of South Africa. Tese de Doutorado. 2007.
- MATHER, Tim. *Judges: Book of Heroes*. Port Colborn: Gospel Folio Press, 2010.
- MOBLEY, Gregory. *The Return of the Chaos Monsters: And Other Backstories of the Bible*. Grand Rapids: Eerdmans, 2012.
- MOORE, George Foot. *Judges*. New York: Scribner, 1895.
- NIDITCH, Susan. *Judges: a commentary*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2008.
- O'CONNELL, Robert H. *The Rhetoric of the Book of Judges*. Leiden: Brill, 1996.
- OLYAN, Saul M. *Disability in the Hebrew Bible: interpreting mental and physical differences*. New York: Cambridge University Press, 2008.
- PAGE JR., Hugh R. Boundaries – a case study using the biblical Book of Judges. In: GREER, Joanne Marie; MOBERG, David O. *Research in the Social Scientific Study of Religion*. Volume 10. Stamford: JAI Press, 1999, p. 37-56.
- PATON, Lewis Bayles. *Jerusalem in Bible Times*. s/l: Arno Press, 1977.
- PFEIFFER, Charles F. *El Comentario Bíblico Moody: Antiguo Testamento*. 4 ed. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 2003.
- PRESSLER, Carolyn. *Joshua, Judges, and Ruth*. Lousville: Westminster John Knox Press, 2002.

PROCKSCH, Otto. *Das Nordhebräische Sagenbuch: die Elohimquelle übersetzt und untersucht*. Leipzig: J. C. Hinrichs, 1906.

RÖMER, Thomas. L'Histoire Deutéronomiste (Deutéronome-2 Rois). In: RÖMER, Thomas, MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (Org.). *Introduction à l'Ancien Testament*. Genebra: Labor et Fides, 2009, p. 315-331.

SCHNEIDER, Tammi J. *Judges*. Collegeville: Liturgical Press, 2000.

SIMON, Richard. *De l'Inspiration des Livres Sacrés: avec une réponse au livre intitulé 'Defense des Sentimens de quelques Theologiens de Hollande fur l'Histoire Critique du Veux Testament'*. Rotterdam: Reinier Leers, 1687.

SOGGIN, J. Alberto. *Judges*. Philadelphia: The Westminster Press, 1981.

SMITH, William. *The Old Testament History: from the creation to the return of the Jews from Captivity*. New York: Harper & Brothers, 1869.

WALTON, John H., MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. *Comentario del Contexto Cultural de la Biblia*. Antiguo Testamento: El transfondo cultural de cada *passaje del Antiguo Testamento*. El Paso: Editorial Mundo Hispano, 2004.

WEBB, Barry G. *The Book of the Judges: an integrated reading*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1987.

WEINFELD, M. Judges 1.1-2.5. The conquest under the leadership: of House of Judah. In: AULD, Graeme A. *Understanding Poets and Prophets: essays in honour of George Wishart Anderson*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993, p. 388-400.

WIERSBE, Warren W. *Be Available: Accepting the Challenge to Confront the Enemy*. Colorado Springs: David C. Cook, 1994.

WISEMAN, Luke Holt. *Men of Faith – or: sketches from the Book of Judges*. London: Hodder & Stoughton, 1870.

WOERLEE, G. M. *The Unholy Legacy of Abraham*. Leicester: Matador, 2007.

WRIGHT, Paul. *Joshua, Judges*. Nashville: Broadman & Holman, 1998.

YINGER, Kent L. *Paul, Judaism, and Judgment according to Deeds*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ZERTAL, Adam. *The Manasseh Hill Country Survey. Volume II: The Eastern Valley and the Fringes of the Desert*. Leiden: Brill, 2007.

Oswaldo Luiz Ribeiro tem graduação em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Mestre em Teologia (Antigo Testamento), 2002, Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil – Tijuca, Rio de Janeiro. Doutor em Teologia (Antigo Testamento), PUC-Rio. Professor do Departamento de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória.

Endereço: Rua Dr. Dido Fontes, 565-A
Edifício Artêmis, Apto. 302 – Jardim da Penha
29.060-280 Vitória – ES